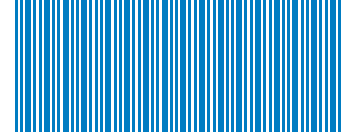




Veras entrevista Ana Maria Machado

Livros, histórias, memórias e leituras

Em 2025 a escritora Ana Maria Machado recebeu o Prêmio Jabuti de Personalidade Literária do Ano, concedido pela Câmara Brasileira do Livro. Tendo já recebido 3 prêmios Jabuti por obras de literatura infantil e juvenil no passado (*História meio ao contrário*, em 1978; *Esta força estranha*, em 1997; *Fiz voar meu chapéu*, em 2000), a honraria recebida neste ano se soma a várias outras premiações e reconhecimentos que a escritora angariou ao longo de quase cinco décadas de produção, como o prestigioso Prêmio Hans Christian Andersen, em 2000, pelo conjunto da obra. Com mais de cem títulos publicados, entre histórias infantis e juvenis, romances para adultos, livros de

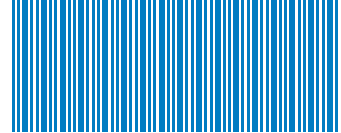


contos e ensaios, traduzida em mais de 20 países, Ana Maria Machado se consolidou como um dos principais nomes do *boom* da literatura infantil e juvenil que teve início nos anos 1980 e que transformou radicalmente o cenário dos livros “que também podem ser lidos por crianças e jovens” no Brasil. Desde 1977, quando publicou *Bento que Bento é o frade* e *História meio ao contrário*, a escritora nascida no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, vem expandindo seu público, das produções para o público infantil e juvenil à produção para leitores adultos, com romances, contos e livros de ensaios.

Nessa entrevista, concedida ao longo de duas manhãs de novembro à revista **Veras**, a escritora reflete sobre as mudanças que presenciou no cenário editorial brasileiro de um ponto de vista privilegiado, pois já esteve em todas as etapas de produção editorial, tendo sido, além de uma prolífica autora, editora e proprietária de livraria. Ao longo de sua longa carreira, Ana Maria Machado experimentou diversos gêneros literários, conheceu muitos sucessos, sofreu com algumas traduções, resgatou personalidades históricas (como a feminista pioneira Eufrásia Teixeira Leite) e se arriscou por temas até então pouco explorados, como o racismo na sociedade brasileira e os conflitos geracionais. A conversa também rendeu reflexões da autora sobre traduções e adaptações, a força da tradição oral e o papel transgressor da literatura infantil durante o período da ditadura (“os censores não entendiam literatura infantil”), além de repassar sua rica trajetória como leitora, desde seus primeiros livros até os que hoje estão em sua mesa de cabeceira.

Por Ricardo Prado, editor da revista *Veras*.

Veras: *No seu livro Rastros e Riscos há várias histórias de crianças arrebatadas pela leitura, crianças que, de repente, descobrem o universo dos livros por meio de uma história. Isso me lembrou uma frase do Monteiro Lobato tinha, que eu acho muito bonita, em que ele fala que queria escrever livros em que as crianças pudessem morar dentro deles, como ele morou no Robinson Crusóé quando era pequeno. Então, a minha primeira pergunta: lá no começo da sua trajetória como leitora, porque parece que você aprendeu a ler com 5 anos, quais foram os livros em que você “morou”?*



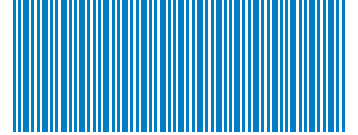
Ana Maria Machado: Com cinco anos eu comecei a ler, mas eu não estava lendo livros ainda nos quais eu morasse neles. Nós não tínhamos essa variedade de livros infantis curtiños; tínhamos livros de mais fôlego. Então, quando comecei a ler, eu lia mais revistas como *O Tico-Tico*, por exemplo. Mas, logo em seguida, com uns sete anos, os livros nos quais eu morei foram os do Lobato, exatamente. Foi o Sítio do Picapau Amarelo e todos os outros depois: *Saci*, *Caçadas de Pedrinho*, vários outros que são questionados hoje. Reconheço que, em alguns aspectos, eles não envelhecem bem (isso a gente pode, no decorrer da conversa, esmiuçar, se for o caso), mas foram os primeiros livros em que eu morei. Em seguida, depois de ler o Lobato todo, porque tinha atrás a lista dos livros pela ordem, e eu ficava vendo qual faltava, pedindo para ler, eu acho que a série do Mark Twain foi para onde eu me mudei em seguida: *As Aventuras de Tom Sawyer*, *As Aventuras de Huckleberry Finn*, e mesmo *O Príncipe e o Mendigo*, *Um lanque na Corte do Rei Arthur...* os livros do Mark Twain, em geral, foram de onde eu saí e fui lendo outros livros de aventura. *Robinson Crusoe* foi um deles, claro, era um livro emblemático.

Veras: *E nessa primeira infância, houve alguma contadora de histórias? Alguém que, de alguma forma, te passou o gosto pelas histórias da tradição oral também?*

Ana Maria Machado: Para mim foi muito poderosa a tradição oral. A minha avó só foi alfabetizada depois que casou e...

Veras: *Essa é a avó Rita?*

Ana Maria Machado: Sim, vó Ritinha, minha avó materna. Ela vinha do norte do Espírito Santo. Quando casou com o meu avô — já era o segundo casamento dele, que tinha ficado viúvo — ela já tinha três crianças do primeiro casamento dele, que ajudou a criar, e mais os filhos que ela mesma teve, e para todos ela contou histórias. Meu avô ensinou minha avó a ler quando ela tinha 24 anos de idade. Eu tenho até hoje um caderno de caligrafia com a letrelinha dela. E as histórias que ela contava eram basicamente histórias de tradição oral, muito poderosas: histórias de Pedro Malasarte, João Bobo de assombração... enfim, várias. Minha mãe também tinha esse repertório muito forte, herdado dela, e que me contava quando eu era criança. Então, além desses livros que eu falei, respondendo à sua pergunta sobre os livros em que eu “morei”, eu tinha várias histórias de tradição oral que já estavam sendo postas em livros. Havia uma coleção da Melhoramentos, “Horas Felizes”, que tinha *Os Três Porquinhos*, *A Galinha Ruiva*, lembro desses livros, das ilustrações... eram livros que eu via com minha

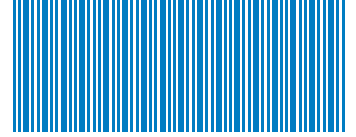


mãe. E, além disso, havia uma coleção da Melhoramentos que tinha *Branca de Neve*, *O Patinho Feio*, *Os Cisnes Selvagens*, *Chapeuzinho Vermelho*, enfim, vários de Grimm e Perrault, que estavam ali. Então, não só essas histórias eram contadas por minha avó e por minha mãe (minha avó basicamente nas férias, porque morava no Espírito Santo e a gente passava o verão lá, e minha mãe em casa), eu tive um repertório muito grande de histórias de tradição oral.

Veras: *E como era o acesso aos livros na sua infância? Seu pai era jornalista, né? E a sua mãe, trabalhava? Qual era a relação dos dois com os livros?*

Ana Maria Machado: A minha mãe acho que provavelmente tenha sido mais leitora que meu pai, pelas histórias de vida deles. Ele parou a escola quando era adolescente, foi trabalhar e voltou a estudar depois. Como ele lia muito, porque lia desde antes, teve uma escola com uma professora muito exigente, muito boa — dona Hilda. Eu sei o nome até hoje porque ele falava nela, marcou muito. Eu sei o nome das professoras marcantes dos meus pais: dona Hilda, do papai; e dona Júlia, da mamãe. Eles falavam muito delas. Mas meu pai foi muito autodidata. Desde muito cedo, procurou ler à medida que foi começando a trabalhar... Ele trabalhava num posto de gasolina, tinha deixado de ir à escola, e recuperou esse tempo fora da escola lendo muito. Ele foi trabalhar em jornal, fazer política, e lia, lia muito. Nós tínhamos livros em casa, ele trazia muito livro. E a minha mãe, que tinha uma mentalidade mais científica, tinha loucura para ser microbiologista, queria estudar ciências, e como não tinha faculdade de Biologia em Vitória, ela foi estudar Farmácia, que era a coisa mais próxima. Ela se formou em Farmácia em Vitória e continuou estudando; entrou no curso de Direito depois. E acabou se formando em Direito já casada com meu pai, morando no Rio — e eu já tinha nascido. Ela vinha de um ambiente leitor: meu avô tinha uma grande biblioteca, a possível para a época, e em casa nós sempre compramos livro a prazo, livro vendido de porta em porta, que era muito comum na ocasião. E frequentávamos a biblioteca. A mamãe, quando veio para o Rio, conseguiu uma transferência dos Correios, onde ela trabalhava, para a Biblioteca Nacional. Então eu tinha tanto a tradição oral, quanto os livros em casa e o hábito de frequentar a biblioteca. Foram três coisas cruciais para a minha formação.

Veras: *No caso da Biblioteca Nacional, onde sua mãe trabalhava, ia com que frequência? Toda semana?*



Ana Maria Machado: Eu lembro de ir com ela a lugares da biblioteca onde havia muitos livros, mas não lembro bem onde era, eu era criança. Mas lembro dela trazer livros pra casa, às vezes desses contos de fadas, e ler pra mim, dizendo: “Cuidado, isso aqui a gente tem que devolver à Biblioteca”.

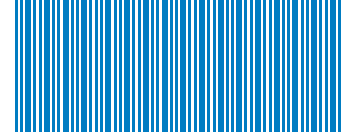
Veras: *Na sua juventude a Sra. demonstra um interesse especial pelas artes plásticas, chegou a fazer algumas exposições. Esse início nas artes plásticas, de alguma forma, ajudou depois quando se tornou autora de livro infantil? Já estava escrevendo suas primeiras histórias infantis, ou isso aparece só depois, com a Recreio?*

Ana Maria Machado: Isso só aparece depois. Eu nunca tinha pensado em ser escritora, nem infantil, nem de adulto, nada disso. Eu queria ser professora. E essa coisa da pintura, que me atraiu muito, das artes plásticas, me marcou muito. Eu acho que foi marcante. Eu não seria uma criadora se não tivesse estudado pintura, feito o ateliê do Aluizio Carvão, no Museu de Arte Moderna [do Rio de Janeiro]. Ele foi crucial para a minha formação como artista. Eu fiz três anos, com aulas, encontros semanais, duas vezes por semana. Foi um artista importante, há um grande mural dele no Leblon, na auto-estrada Lagoa Barra, foi um grande nome do neoconcretismo brasileiro. Eu fiz três anos esse curso dele.

Veras: *Enquanto você estava fazendo faculdade?*

Ana Maria Machado: Não, isso foi entre 1957 e 59, eu estava fazendo o científico [ensino médio]. Ele tinha uma atitude de autocrítica permanente, foi isso que eu aprendi com ele. As aulas dele não eram tanto de fazer exercício em aula. Nós trabalhávamos em casa; era um grupo pequeno de alunos. Cada aluno levava o que tinha feito durante a semana, punha diante da turma, e todos nos manifestávamos sobre aquele trabalho, criticando. E ele depois retomava. E esse sistema fazia com que cada vez que eu pintava alguma coisa, eu ficasse imaginando o que os outros iam dizer — e o que eu mesma diria se estivesse falando do trabalho alheio. E tentava corrigir: “essa composição está ruim”, “aqui está óbvio”, “a textura está pouco controlada” etc. Tudo relativo à arte visual, mas que criou quase um automatismo de autocrítica. E isso foi fundamental pela vida afora. Eu não seria a criadora que fui se não tivesse tido esse artista maravilhoso, Aluizio Carvão.

Veras: *Passando para o início de sua carreira como escritora infantil, a primeira história sua publicada foi em 1969 na revista Recreio. Como é que surgiu esse convite?*



Ana Maria Machado: A primeira, de 69, foi rejeitada; a primeira a ser publicada foi em 1970.

Veras: *Ah, é? Como é que você lidou com isso? Chegou a publicar depois essa história ou nunca publicou?*

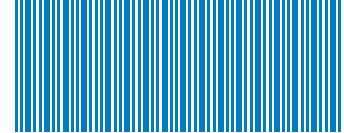
Ana Maria Machado: Eu tinha perdido essa história até muito recentemente, quando — justamente, como eu disse, estou organizando papéis para doar os arquivos para a Academia — esse rascunho apareceu e eu vi. Ainda bem que não foi publicada! Mas, ao mesmo tempo, me dei conta de uma coisa que eu não tinha noção: aquele tema reapareceu 30 ou 40 anos depois em outro livro, bem desenvolvido e bem criado.

Veras: *Qual livro?*

Ana Maria Machado: Um que se chama *Quem Me Dera*. É um livro infantil.

Veras: *Como que aconteceu esse convite da revista Recreio? O que levou alguém pensar: “quem sabe essa professora aqui seja uma escritora em potencial?”*

Ana Maria Machado: Veio pela Sônia Robato, que é autora (ela depois não ficou muito na literatura infantil). Naquele momento ela trabalhava como editora num projeto da Editora Abril, que queria criar uma revista infantil que não fosse de quadrinhos, para crianças de mais ou menos 6, 7, 8 anos, recém-alfabetizadas. E a Sônia Robatto eu a conheci em São Paulo, num tempo em que eu morei lá. Nessa época já estava morando no Rio. Ela me telefonou e explicou que estavam criando essa revista e que a exigência era: uma linguagem nova, que não fosse, na expressão dela, “tati-bitati” nem “nhen-nhen-nhem”. E queria que eu tentasse escrever uma história. Aí eu disse: “Ah, mas eu não sei escrever isso”. Eu estava dando aula na faculdade, de literatura, de Teoria Literária, no meio de algo muito sofisticado de linguagem. “Eu não sei fazer isso”. Ela disse: “Não, você sabe. Você sabe contar caso. E você foi selecionada”. Eu perguntei: “Selecionada como?” Ela disse que olheiros da Editora Abril (a grande editora na ocasião, que editava a Disney e a *Veja*) procuraram em diferentes faculdades do Rio e São Paulo professores de Humanas cujos alunos matavam aula muito pouco. Eles partiram do pressuposto de que essas eram pessoas que sabiam se comunicar com jovens. Eu era muito jovem, não tinha 30 anos. Então, talvez eu tivesse uma linguagem muito próxima dos alunos ainda. Quando eu fiz a primeira tentativa



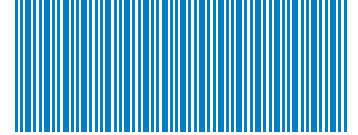
— e ela foi rejeitada — a Sônia devolveu e disse: “Não é nada disso. A linguagem está boa, mas não escreve o que você acha que deve ser. Escreve o que você é capaz de escrever.” Um conselho maravilhoso, mas que me deixou perplexa. Ela me fez tirar do meu radar a intenção. Fazer a história deixar de ser intencional, deixar brotar um pouco da conversa, da necessidade que houvesse ali.

Veras: *De alguma forma ela teria identificado uma intenção didática, que ela queria tirar do texto?*

Ana Maria Machado: Provavelmente. Quando eu reli depois, vi que tinha mesmo um didatismo claro. E a história, como ficou depois, *Quem Me Dera*, não tem nenhum didatismo. Aí fiquei pensando nas histórias que eu gostava de ouvir da minha avó, que eram da tradição oral, não eram Grimm e Perrault, como as da minha mãe. As da vovó eram um mundo que eu não sabia de onde vinha. Então perguntei pra mamãe quais eram as histórias da vovó. Eu lembrava muito de um personagem chamado Miguelzinho, que ela me contava e que eu adorava. Perguntei: “Mãe, você lembra de alguma história do Miguelzinho?” Ela deu uma gargalhada e disse: “Claro que eu lembro. Miguelzinho era você.” Eu: “Como eu?” E ela explicou: se você ia ao médico, o Miguelzinho ia ao médico; se você ia ao aniversário, o Miguelzinho ia ao aniversário; nasceu um patinho no galinheiro, lá ia o Miguelzinho. Eram as minhas vivências contadas como histórias. Isso foi uma surpresa absoluta pra mim, eu não tinha essa memória que havia a ligação com o meu cotidiano desse modo. E, ao mesmo tempo, me apontou um caminho.

Veras: *E qual foi a sua primeira história publicada?*

Ana Maria Machado: A primeira história que eu fiz foi *Quenco, o Pato*. Eu falei do patinho agora porque lembrei: meu filho Rodrigo era pequenino — nasceu em 67; tinha dois anos — e estava naquela fase comum em criança que não gosta de interromper a brincadeira. Eu dizia: “Vamos, é hora do banho”. Ele dizia: “Agora não”. Ia chorando. Chegava lá, ficava feliz. Depois não queria sair da água... Aí, um ou dois dias antes, eu tinha perguntado: “Por que você não quer ir tomar banho? Você tem medo? Acha a água muito molhada?” Ele deu uma gargalhada. Aí eu lembrei do Miguelzinho: o Miguelzinho é um patinho que acha a água muito molhada. E comecei a desenvolver a história. A rotina, os outros patos entrando no lago, e ele, o pato Quenco, não. Ele ficava debaixo da árvore lendo. E o que ele lia? *O Patinho Feio*, *Os Cisnes Selvagens*, a história da Pata Sônia, que é uma personagem de *Pedro e o Lobo*... referências do mundo do Rodrigo. Enquanto os



outros estavam brincando, e ele estava lendo, aí um pintinho, com quem ele jogava futebol cai na água e não sabia nadar. Ele sabia e pula na água para salvar o amigo. E assim ele descobre que a água é molhadinha, fresquinha, gostosa e agora ele não quer mais sair. A história era simples. Mas isso me deu um caminho que tinha uma situação do cotidiano, uma linguagem ao alcance da criança e referências intertextuais de montão.

Veras: *Que é uma característica sua, né? A Sra. sempre traz esses clássicos...*

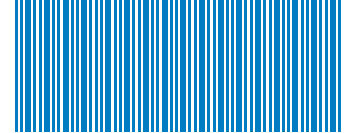
Ana Maria Machado: Na época eu não me dei conta. Relendo anos depois, já com a bagagem que eu tinha, vi que estava tudo ali. E também uma visão de mundo altruísta, solidária, de respeito a cada um. Estava tudo ali.

Veras: *Nesse início dos anos 1970 você tinha uma coluna no Jornal do Brasil sobre literatura. Sua atividade como jornalista começa nessa época, e ligada à literatura?*

Ana Maria Machado: Quando eu voltei do exílio, em 1973, eu fui trabalhar como jornalista. No Jornal do Brasil, muito rapidamente, com o meu currículo de quem tinha trabalho na BBC enquanto estava fora, fui dirigir o jornalismo da rádio do JB. Mas eu sentia falta da escrita mais longa, e um editor do Caderno B, que era sobre espetáculos e cultura, me chamou para colaborar com uma coluna de serviço sobre aonde levar crianças. Eu estava com uma criança pequena nessa época e aceitei. Era basicamente uma orientação de passeios e teatro infantil. Com poucas semanas teve muita repercussão e ele me deu uma coluna semanal chamada “Criança é Criança” (um título inspirado na Cecília Meireles), e aí eu abordava a produção cultural para a infância em geral: livros, peças, exposições, passeios etc. Eu tive durante muito tempo essa coluna, e isso aconteceu simultaneamente às histórias que eu seguia publicando na revista *Recreio*. Também escrevi nessa época histórias maiores, e que não cabiam na estrutura da revista, e eu fui guardando.

Veras: *É o caso de Bento que Bento é o frade?*

Ana Maria Machado: Essa história nasceu inicialmente como uma peça teatral que eu fiz, mas que só foi montada muito tempo depois. Quando a Editora Abril em 1976 resolveu publicar as histórias da *Recreio* em livro, pois fizeram muito sucesso. Eu tive três livros impressos assim, cada um com quatro histórias, a Ruth Rocha teve os dela, e os outros



autores também. Depois, eles tiveram a ideia de publicar uma coleção de livros mais longos e me pediram uma história mais longa. Eu não tinha nenhuma pronta, mas eu lembrei da peça “No País dos Brequetés”, que era inédita, e eu a transformei no livro *Bento que Bento é o frade*.

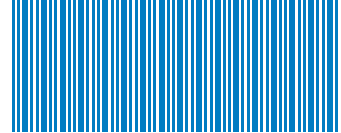
Veras: *A sra. participou do chamado “boom da literatura infantil” que aconteceu no Brasil nos anos 1980 e 1990, juntamente com outros nomes que hoje também são consagrados, como Ruth Rocha, Joel Rufino etc. Desde esse tempo, nessas cinco décadas, o que melhorou nesse mercado da literatura infantil brasileira? E o que piorou?*

Ana Maria Machado: Nossa, essa pergunta é vastíssima! Eu acho que a primeira coisa que melhorou foi o respeito que passou a existir pelo autgor que escreve para crianças. Isso não existia, nós adquirimos esse respeito. Digo “nós”, tanto o grupo de autores da revista *Recreio*, quanto outros autores que já publicavam, como a Lygia Bojunga, que já começou escrevendo livros de extensão maior e com muita qualidade, e por outro lado, na área das artes plásticas, houve o Ziraldo, publicando *Flicts* em 1969. Depois, há um segundo momento, em meados dos anos 1970, lembro do trabalho da Sílvia Orthoff. Eu participei do júri de um prêmio de dramaturgia da Fundação Guaíra, no Paraná, e havia uma peça da Sílvia, *A viagem de um barquinho*, em que nós cinco do júri já chegamos sabendo que ela era a vencedora. Foi unânime. No ano seguinte, também participei do júri e premiamos mais uma peça da Sílvia Orthoff, e aquilo foi uma surpresa. Na volta, eu telefonei para a Sílvia e disse a ela: “Sílvia, você tem que escrever histórias infantis, você é uma autora!”. Ela me dizia que não, que ela era autora de teatro, mas eu a convenci, pus em contato com a Ruth Rocha, que nessa altura era editora da *Recreio*, e daí algum tempo eles publicaram cinco histórias dela (e ela mandou dezenas de histórias!). A Sílvia escrevia como uma árvore brota. Daí eu a levei para a Editora Codecri, e ela virou uma grande escritora.

Veras: *História meio ao contrário surge nessa época também?*

Ana Maria Machado: Não, nessa época eu ainda estava no jornalismo. *História meio ao contrário* ganha um prêmio literário em Belo Horizonte, em 1978, e eu saio do jornalismo em 1980.

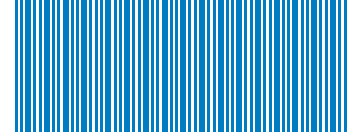
Veras: *Esse foi o seu primeiro livro premiado, e que sinalizou uma perspectiva de carreira como escritora?*



Ana Maria Machado: Foi, exatamente. Eu mandei essa história pro concurso, e meu filho Rodrigo, que nessa altura já tinha dez ou onze anos, todo dia me perguntava: “Já saiu o resultado do concurso que você vai ganhar?”. Porque ele não tinha dúvidas de que essa história ia ganhar o concurso (*risos*).

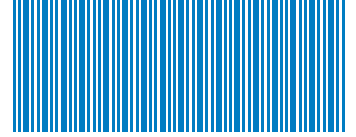
Veras: *Você se lembra como surgiu a ideia desse livro?*

Ana Maria Machado: Lembro até do momento. Eu estava na praia de Manguinhos, no Espírito Santo, caminhando em um dia chuvoso, meio chorando, porque eu tinha acabado de me separar e estava na casa da minha mãe, ainda muito mexida, com a cabeça cheia de “por que não deu certo”, “por que não dá pra ser feliz pra sempre”. E foi quando eu percebi que a história não acaba no casamento, ela começa ali. E tive a compreensão de que isso de “eles se casaram e foram felizes para sempre” é coisa de história infantil. A minha história estava começando agora. Então, eu voltei da caminhada e comecei a desenvolver essa ideia, de algo que começa a ser narrado pelo fim. E quando comecei a contar essa história “ao contrário”, começando pelo casamento e questionando o “viveram felizes para sempre”, pensei que as histórias sempre vêm antes de nós, elas começam com nossos pais e avós. E nessa época eu estava convivendo muito com o Darcy Ribeiro, que tinha ido a Paris me visitar quando nasceu o Pedro, meu segundo filho. E o Darcy contava muitas histórias e lendas dos povos originários, e também me falava muito da sabedoria dos povos indígenas. Para esses povos, por exemplo, é muito importante saber onde estão enterrados os antepassados, em que água eles se banharam, e eu desenvolvi isso em alguns parágrafos no livro, essa obrigação que a gente tem com a nossa ancestralidade, com quem vem antes e nos deixa várias coisas. Eu tinha vontade trabalhar com lendas indígenas, tinha lido os irmãos Villas-Boas, estava lendo muitas histórias indígenas, lendas sobre a origem do Sol, da Lua etc. e usei em *História meio ao contrário* a ideia do dragão escuro, que é a noite, e que tem um olho só, que cresce e diminui de acordo com o passar do tempo, em um ciclo de eterno retorno. E como eu estava entrando em um universo de princesas européias dos contos tradicionais, eu juntei esses elementos, da Lua ser o olho do dragão, e daí precisava ter um príncipe para salvar a mulher... mas, por que quem salva é um príncipe, e não uma mulher? Eu estava bastante envolvida nessa questão do feminismo. Há também uma paródia do Hino Nacional, que também entrou ali. Eu vivi a resistência à ditadura, eu vivi a amizade com o Darcy Ribeiro, eu vivi uma separação conjugal, e tudo isso entrou no livro.



Veras: *O livro Bisa Bia Bisa Bel também evoca essa questão da ancestralidade, não? Só que essa história, além da ligação com a ancestralidade, também carrega uma ancestralidade prospectiva, pois a personagem também se descobre ela própria uma bisavó no futuro. Quando e como surgiu essa obra, que se tornaria uma de suas mais reconhecidas histórias?*

Ana Maria Machado: Eu tinha vontade de escrever sobre minhas avós, a vó Ritinha especialmente. E me dei conta que nunca tinha contado em detalhes sobre as minhas avós, e nessa altura já tinha publicado dois livros, e estava há algum tempo sem conseguir escrever. Há uma duas semanas que eu sentava diante da máquina de escrever e nada. Nessa época eu estava muito preocupada com minha irmã Beatriz, que tinha sido diagnosticada com uma doença muito grave, e eu não estava conseguindo produzir nada. No máximo, conseguia cumprir com as minhas obrigações cotidianas na livraria. Mas já estava começando a visitar colégios e conversar com as crianças. E teve um dia em que eu sentei diante daquela folha absolutamente em branco, sem ideia, e daí me lembrei de uma escola grande vocacional de Belo Horizonte que eu havia visitado, e em uma das turmas havia uma menina que levantava o dedo toda hora pra perguntar. Ela fez umas cinco ou seis perguntas, a ponto da professora ter que intervir para que as outras crianças também pudessem perguntar. E todas as vezes ela começava a perguntar por uma mesma palavra: “Sabe?...” e fazia a pergunta. Eu lembrei dela e comecei o livro com essa palavra (“Sabe?”), porque era curioso, pois a menina começava com essa palavra, mas daí em vez dela entrar com alguma explicação, ela fazia a pergunta que queria fazer, e que não tinha nada a ver com aquele “sabe?” no início. E essa é um início de frase de quem vai contar algum segredo, algo novo. Daí eu continuei essa frase com outra: “eu vou te contar um segredo”. E parei de novo, sem saber qual era esse segredo da personagem. E qual era esse segredo que eu não consigo falar? Era porque eu só estava pensando na Bia, minha irmã estava no meu coração. Mas quem estava no coração da história que eu queria escrever eram as minhas avós. Então, eu fiz uma junção das minhas avós, porque a Bisa Bia é uma mistura das duas avós, Ritinha e Nenén. Esta, que era minha avó paterna, era bem diferente da vó Ritinha. Era rígida, gostava de dar ordens, não tinha a doçura da vó Ritinha. Mas, depois, eu fui descobrir que ela era sufragista, e que escrevia artigos nos jornais sob pseudônimo. Vó Neném era muito combativa. E dessa mistura nasceu a Bisa Bia. Mas eu ainda não tinha ideia pra onde a história iria, pois aí eu misturei com outro elemento: eu havia ido a



uma Bienal em São Paulo e fiquei hospedada na casa da minha então cunhada, a Ruth Rocha, que é irmã do pai dos meus dois filhos. E quando estávamos saindo em uma noite, observei que na frente da casa dela havia um açougue, como chamamos aqui no Rio. Em São Paulo chamava-se geralmente Casa de Carnes. E havia um anúncio em neon “Casa de Carnes Coração de Maria”, com um coração cercado de rosinhas em neon lilás, e as letras piscando. Aquilo era tão surrealista!, um açougue chamado “Coração de Maria” e aquelas luzes piscando, que quando nós voltamos, naquela noite eu sonhei que tinha um coração de neon que piscava e dentro desse coração aparecia a imagem de uma menina antiga. Isso porque na casa da Ruth havia uma parede com vários retratos de crianças antigas, e uma delas era a bisavó dos meus filhos. Eu sonhei com essa foto piscando e isso logo apareceu no começo do livro, quando a personagem encontra uma foto da avó ainda menina. Na medida em que todo dia eu escrevia um pouco, a cada dia meu inconsciente me dava alguma coisa. Isso vai se desenvolvendo na medida em que a história começa a questionar o papel da mulher na sociedade. O lenço, nessa história, é uma coisa importante porque eu era a filha mais velha e ajudava minha mãe nas tarefas domésticas. E eu odiava lavar lenço de pano, era horrível, cheio de catarro grudado, e lembro da minha mãe me mostrando o bordado cuidadoso do lenço, que isso tinha sido o trabalho de alguém, e a questão do bordado, e do papel da mulher, do lenço de papel depois, isso aparece muito forte ali.

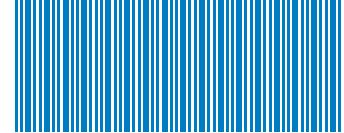
Veras: Esse livro tem algo de borgiano nele, com a brincadeira que você faz com o tempo presente, passado e futuro...

Ana Maria Machado: Isso tem a ver com uma visão do mundo de achar que nem tudo que a gente ensina ou aprende vem dos avós. Tenho muito respeito por eles, mas a gente tem que ensinar lá pra trás também, porque o mundo melhora.

Veras: Houve alguma adaptação de livro seu para uma outra forma, e que a tenha surpreendido?

Ana Maria Machado: Houve algumas adaptações para o teatro, todas que eu vi gostei muito. *Uma história meio ao contrário* e *Praga do Unicórnio* foram adaptados. *Era uma vez um tirano* teve várias adaptações, todas lindas. Nunca tive uma decepção em relação a alguma adaptação de texto meu, felizmente.

Veras: E como foi a recepção de Bisa Bia, Bisa Bel? Você percebeu que ali havia um reconhecimento diferente, ou foi algo gradual?



Ana Maria Machado: Não, foi imediato. O livro teve uma recepção muito boa. Eu não tinha ideia de que ele ia ter a repercussão que teve. Logo de início começaram a sair críticas muito elogiosas. De fato, foi um livro que mudou minha vida. Até hoje ele é muito lido e adotado. Até hoje me escrevem por causa dele.

Veras: *E você tem uma explicação para essa permanência de Bisa Bia, Bisa Bel? O que acha que ele toca que permanece?*

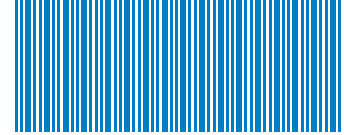
Ana Maria Machado: Acho que tem a ver com identidade, né? A busca de si mesma, o diálogo entre passado e presente, a conversa com ancestrais. É um tema universal. E é um tema que, naquela época, era pouco tratado na literatura infantil. E também, isso é impressão minha, ele tem um lado meio mágico, mas muito concreto ao mesmo tempo. As relações familiares, as tensões, as heranças culturais... tudo aquilo estava ali. E aí apareceram convites, apareceram trabalhos, apareceram possibilidades. Mas eu nunca planejei nada disso. Nunca pensei: “Vou ser escritora profissional.” Eu fui levada pelas circunstâncias.

Veras: *Nós estamos falando aí, ainda, da década de 1970 e 80. A literatura infantil brasileira vive uma explosão nesse período — a sua obra, a obra do Ziraldo, da Ruth Rocha, da Lygia Bojunga, do Joel Rufino... enfim, uma geração muito forte de escritores surgiu. Você tem uma leitura sua sobre o que aconteceu para que esse movimento se desse naquela época?*

Ana Maria Machado: Acho que existem vários fatores. Primeiro, o país estava mudando muito. A educação estava mudando. E havia um vázio: não havia literatura infantil brasileira contemporânea de qualidade suficiente para acompanhar aquela nova demanda. Depois, os livros traduzidos estavam chegando com muita força. Isso tudo mexia com o mercado. E aí os autores brasileiros começaram a ocupar espaço. Além disso, há um fator importante: a censura. A literatura infantil virou um lugar de liberdade relativa. Porque os censores não entendiam literatura infantil. Então, você podia dizer coisas que, na literatura adulta, não podia.

Veras: *Isso é interessantíssimo! Você tem algum exemplo?*

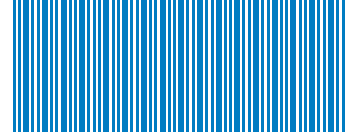
Ana Maria Machado: Posso te dar um exemplo que não é meu, mas da Ruth Rocha. Em *Marcelo, Marmelo, Martelo*, tem uma hora que o Marcelo diz: “Mas quem é que manda aqui?” E alguém responde: “Aqui ninguém manda.” Isso, para um censor da época, seria perigoso se estivesse num texto adulto, mas, como era criança falando, passava.



A literatura infantil virou um espaço de resistência. A Ruth, o Ziraldo, o Joel, a Lygia Bojunga... todos nós fomos beneficiados por esse espaço.

Veras: *Queria agora passar para outro livro seu, que foi um marco: Menina bonita do laço de fita. Esse talvez tenha sido seu livro que gerou maior repercussão, por ter sido um dos primeiros livros de literatura infantil a abordar a questão do racismo. Como ele surgiu?*

Ana Maria Machado: Como sempre, essa história nasceu de uma situação doméstica minha. Em julho de 1983 nasceu a minha filha Luisa. E eu tinha dois filhos do primeiro casamento. Desse primeiro casamento com o Álvaro [Machado], os meninos são mais morenos, da minha cor, moreno brasileiro, que não é moreno afrodescendente, mas é moreno, enfim... Depois a gente viu que temos indígenas lá atrás, de um lado e do outro da família, povos diferentes e tudo mais, mas não tínhamos herança africana. E a Luísa nasceu do meu segundo casamento com o Lourenço [Baeta], que é descendente, por um lado, de indígenas goitacazes, e, por outro, de italianos. Então, a Luísa, quando nasceu, era muito mais branca do que os dois irmãos mais velhos. E eles tinham comprado numa feira de artesanato, com a mesadinha deles, um coelhinho para ela. E era o brinquedo com que eles brincavam com ela no berço. Então, um chegava, pegava o coelhinho, segurava, fazia cócega na barriga dela e dizia: “ai, que menina bonita, ai, menina bonita!”. E ela ria da cosquinha. E um dia, um deles perguntou: “ai, como é que você foi sair tão branquela?”. E ela riu muito. Foram as primeiras risadinhas dela. Então, isso virou um mantra. Todo dia eles cumprimentavam: “oi menina branquela, como é que tá?”, fazendo voz de coelho, como se o coelho perguntasse a ela. E aí, o Pedro, que é muito brincalhão (depois virou ator, bailarino etc.), e isso estava ali desde pequeno, ele dizia: “é porque a mamãe passou açúcar em mim”, que era uma música que o Simonal cantava, que tinha esse estribilho, e ela ria de novo. Aí o outro perguntava “por que foi?”, “é porque meu irmão botou muito talco em mim”, “é porque comi muito arroz”, e começou a ter uma série de explicações de por que ela era tão branquela. E isso foi virando quase uma música, porque tinha um ritmo que eles faziam. E também virou uma brincadeira familiar. Eu vi que essa era uma história, mas uma menina branca já tem a Branca de Neve... Eu disse, “bom, tem que ser uma menina preta, que é a menina brasileira, por excelência, e a gente não cultua isso, não temos contos de fadas com menina preta. Então, comecei a mudar... comeu muito feijão, caiu na tinta preta, enfim, todas as explicações que criavam o desenvolvimento da história. Eu estava devendo uma história para uma outra revista, chamada *Alegria*, e já estava atrasada



porque eu estava amamentando, com criança pequena, um monte de coisas, e tinha que entregar uma história. Então, eu escrevi a história da *Menina Bonita do Laço de Fita*, que foi publicada primeiro nessa revista e depois em livro.

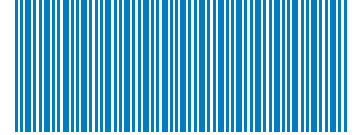
Veras: *Já com a ilustração do Claudius?*

Ana Maria Machado: Não, com a ilustração do Walter Ono. Isso é outra coisa muito brasileira. Nesse livro nós tínhamos um descendente japonês desenhando a história de uma menina descendente de africanos, escrita por uma descendente de indígenas e europeus, que sou eu. E isso é o Brasil. Depois, para o livro, entrou o Claudius, que é brasileiro, mas nascido na Itália.

Veras: *Esse livro ultimamente vem sofrendo algumas críticas de movimentos negros, dizendo que, de certa forma, ele reforçaria alguns estereótipos, ou que induziria uma idealização da miscigenação. Como que você reage a esse tipo de crítica que começou a aparecer em relação a esse livro?*

Ana Maria Machado: Eu acho que o leitor é soberano. Ele reage como bem entender a cada livro que lê. Se ele quer ler assim, leia outro livro e vá procurar um outro que dê a ele o que ele quer. Ou se abra para ver alguma possibilidade de leitura diferente nesse. Uma alegria que eu tive recentemente foi ir a uma escola da periferia de São Paulo, que me pediu para uma conversa com a turma toda, e eles tinham levantado 10 ou 12 livros meus que tratam da questão dos afrodescendentes, para idades diferentes, de modos diferentes, e comentavam todos eles. E de uma maneira muito enriquecedora. Então, tinha *Do outro lado têm Segredos*, *Do outro Mundo*, *O Mistério da Ilha*, para os pequeninhos *Boladas e amigos*. Esse é um tema que fez parte da minha vida. Eu fui criada, grande parte da minha vida, em Manguinhos, no Espírito Santo, convivendo o tempo todo com os filhos pescadores, dormindo em casa deles e eles dormindo em casa. Eu tenho uma vivência brasileira. Então, quem quiser ler outra coisa... não é o que eu pensei, mas meus livros não são livros de mensagens e de recados. São livros que têm a possibilidade de detonar potencialmente reflexões. Fico triste às vezes com certas interpretações que eu vejo, mas realmente não há nada que eu possa fazer. Eu não vou mudar o livro agora para cada leitor.

Veras: *Queria falar um pouco sobre as adaptações e traduções. O que define se aquela história que será vertida para a língua portuguesa será uma tradução ou uma adaptação? E a Sra., como escritora, prefere fazer traduções ou adaptações?*



Ana Maria Machado: Às vezes eu proponho, outras vezes recebo propostas e avalio. Os autores contemporâneos eu faço sempre tradução, nunca adaptação. Pegar um *Robinson Crusoe* de 500 páginas, fazer uma tradução dele e jogar pra uma criança, eu nunca faria isso. Muitos desses clássicos hoje considerados infantis ou juvenis não foram escritos para esse fim. Já *Alice [no País das Maravilhas]*, por exemplo, foi escrito para crianças e eu fiz uma tradução, mas preocupada em traduzir também a cultura. Ele traz vários elementos da cultura britânica daquela época e, em alguns casos, eu traduzo aquela brincadeira para um contexto de brincadeira brasileira, para que a criança possa entender a graça daquilo. Isso é uma tradução adaptada para a criança brasileira, mas sem resumir. Apenas tomei algumas liberdades nas questões culturais. Já adaptação, por exemplo, foi o que fiz em *Os Cavaleiros da Távola Redonda*.

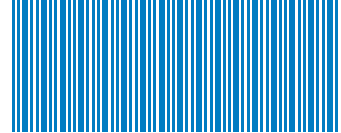
Veras: *No caso de Histórias à brasileira, você consideraria que são adaptações?*

Ana Maria Machado: Aí são recontos. Ou eu faço isso baseado na minha memória ou em algum texto. É difícil falar em termos gerais, porque cada caso é um caso.

Veras: *E como funciona quando é o seu texto que será traduzido. No caso da língua inglesa, que você domina, como é? Participa das traduções, chega a opinar sobre elas durante o processo?*

Ana Maria Machado: Cada caso é diferente. Por exemplo, algumas das traduções de obras minhas para o inglês foram feitas pela Luísa, minha filha, que domina o inglês muito melhor do que eu, porque morou na Inglaterra mais tempo do que eu, e tem um casamento em que eles falam em inglês. Ela traduz e eu nem participo. Esse é um caso muito especial. Mas houve outras traduções em que eu tive verdadeiras brigas com o tradutor, a ponto de não reconhecer, de não querer. Por exemplo, *Um Avião e uma Viola* foi um caso desses. Uma tradução para o francês que foi muito penosa para mim. Porque a própria pessoa que se apaixonou pelo livro e quis fazer a tradução era a dona da editora, e ela enveredou por um caminho em que ela tinha a palavra final, e transformou numa outra coisa, que perdeu a minha ludicidade completamente. Mas era um trabalho muito difícil, eu reconheço. Enfim, não dá para generalizar.

Veras: *Como surgiu a ideia do romance Um Mapa Todo Seu, de 1998? Conta um pouquinho como foi descobrir essas duas personagens fantásticas, a Eufrásia Teixeira Leite e o Joaquim Nabuco? Demandou muita pesquisa escrever esse romance histórico?*

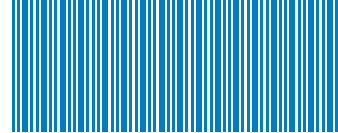


Ana Maria Machado: A ideia veio de um colega na Academia que já se foi, o Sérgio Paulo Rouanet. Ele leu *A Audácia Dessa Mulher*, gostou muito, e comentou a história sob vários ângulos diferentes comigo. E, um dia, ele me disse: “Você é a pessoa perfeita para escrever a história da Eufrásia.” Aí eu perguntei: “Quem é Eufrásia?” Nunca tinha ouvido falar nela. Não sabia quem era, nem do que se tratava. Isso foi logo que lancei *A Audácia Dessa Mulher* [em 1999]. Ele me disse: “Eufrásia Teixeira Leite foi a namorada do Nabuco.” Me contou que os dois tinham tido um namoro longo e não tinham se casado, e que era um certo mistério essa história dos dois. Aquilo me chamou atenção e eu saí procurando material sobre ela. Era muito difícil, tinha muito pouca coisa. Na Fundação Joaquim Nabuco tem algumas cartas dela que sobraram, mas poucas; não chegam a duas dezenas. E dele para ela havia quase nada. Depois eu soube da história de que ela mandou forrar o caixão com as cartas dele, que ela nunca devolveu, e que foram enterradas lá. Enfim, saí pesquisando tudo o que tinha e comecei a escrever, porque realmente fiquei fascinada com a história. Mas tive dificuldade de continuar, estava muito ocupada, interrompendo muito. Nessa época eu fui presidente da Academia, e a Academia me solicitava muito, eu interrompia, sem poder fazer uma coisa seguida. Quando retomei quatro, cinco anos depois, de maneira mais consistente, mudei o enfoque, mudei a estrutura, comecei de outra maneira e aí o livro foi em frente.

Veras: *A história foi reescrita desde o começo nessa retomada do texto?*

Ana Maria Machado: É, eu comecei do começo, mas aproveitei a ideia, o que já tinha elaborado. Estava interrompido, mas isso em alguns romances meus eu fiz — deixo de lado, volto, às vezes aproveito um pequeno pedaço só. Mas quando fui escrever da segunda vez, já tinham sido publicados uns três livros de historiadoras mulheres sobre a Eufrásia — e isso ajudou na escrita. E eu fui desenvolvendo uma hipótese um pouco diferente das que existiam sobre a relação dos dois. Quando terminei o livro, comentei sobre ele na Academia com o Evaldo Cabral de Mello, que é historiador, e pedi que ele fizesse uma leitura atenta, me chamando atenção para absurdos, para o que não podia ser etc. Dois dias depois, ele veio me dizer que tinha lido sem parar, que tinha ficado fascinado e que era a primeira vez que ele via uma hipótese absolutamente plausível, que fazia sentido do por quê eles não terem se casado. Ele leu os originais e aprovou. Só fez uma correção pontual sobre o pai do Nabuco.

Veras: *O livro é absolutamente incrível. E as personagens são muito à frente do seu tempo. Ela, mais ainda...*



Ana Maria Machado: É. O Nabuco eu já tinha lido muito, quase toda a obra dele, lido e relido o livro dele sobre o pai, *Um Estadista do Império*, que é um retrato do Segundo Reinado muito forte. O Nabuco escrevia muito bem. Eu já admirava o Nabuco e conhecia bem. Ela é que eu não conhecia.

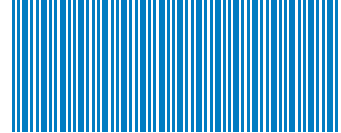
Veras: *Eu queria também passar a outro livro, De Carta em Carta...*

Ana Maria Machado: O *De Carta em Carta* é de maturação longa. A primeira vez foi no México, quando eu vi uma praça onde se juntavam pessoas que escreviam cartas. Esse livro nasceu com um título: “Me Alugo para Escrever”. Só que, em seguida, eu vi que o Gabriel García Márquez tinha um *Me Alugo para Sonhar*. Aí eu disse: “Ah, então já foi.” Larguei. Em outra viagem, tempo depois, acho que quando ganhei o Prêmio Andersen, e fui a Cartagena, na Colômbia, lá também tinha um lugar onde pessoas se alugavam para escrever cartas. Eu fui à praça, vi isso, conversei um pouco com eles e aí a ideia voltou e tomou forma depois de incubada.

Veras: *E esse livro tem histórias interessantes que você conta no Rastros e Riscos, por exemplo, de ter provocado reconciliações entre avós e netos. E o trabalho do Nelson Cruz é especialmente bonito. No caso desse livro, por exemplo, chegou a acompanhar a feitura da ilustração?*

Ana Maria Machado: Ilustração, em geral, quem escolhe é o editor. No máximo, se eu tenho uma relação muito privilegiada com um editor, eu consigo dizer “este não” ou “esta não”. Nem sempre é possível. Eu gostaria de ter feito muito mais livros com a Elizabeth Teixeira, gosto imensamente do trabalho dela. Acho que combinamos bem. Ela tem um traço delicado, trabalha com aquarela, tem um clima muito próximo do que imagino para crianças pequenas. E desenvolve narrativas paralelas nas ilustrações — um quadro na parede que conta uma coisa, um bichinho que anda... Ela vai completando a história de maneira própria, e isso acrescenta muito. Tem um livro que é uma parceria nossa que eu amo, que é o *Abrindo caminho*. Ela é generosa, inteligente, muito sensível, uma grande artista. Mas nem sempre consegui trabalhar tanto com ela quanto queria. Um ilustrador que eu escolhi e que foi até o fim, que me lembro, foi o Claudius, na coleção *Mico Maneco*, porque o projeto foi desenvolvido juntamente com ele, foi uma parceria.

Veras: *E o livro com o Zivaldo, Ponto de Vista?*



Ana Maria Machado: *Ponto de Vista* foi a editora que me encomendou um texto específico para o Ziraldo ilustrar. Era uma data redonda dele na editora e eles queriam fazer três livros em homenagem a ele — um da Ruth Rocha, outro do Pedro Bandeira, outro meu — e ele ilustraria os três. Eu já tinha feito *De fora da Arca* com ele em outra editora. Eu era muito amiga do Ziraldo, tínhamos um círculo de amigos em comum no Rio, em Ipanema, e já tínhamos conversado sobre essa questão do ponto de vista. Quando fiz, ele já sabia que era algo que eu pensava, e gostou muito de como desenvolvi.

Veras: *Em geral você entrega o texto e depois aguarda as ilustrações, né? Teve algum caso contrário, de trabalhar sobre uma imagem prévia? Pensei naquele livro seu com Portinari.*

Ana Maria Machado: Fiz quatro livros com artistas. Tenho dois com Portinari: *Dom Quixote* e *Portinholas*. Tenho um com Volpi e outro sobre arte popular na coleção *Arte para Crianças*. Em todos esses casos eu parti do que já existia e inventei a história. Mas não trabalhei com eles; trabalhei a partir de quadros prontos, já existentes.

Veras: *Sobre seus livros juvenis, vou pedir que faça uma “escolha de Sofia”: dentre eles, há algum que te toca especialmente, seja pelo tema, seja pelo resultado final obtido?*

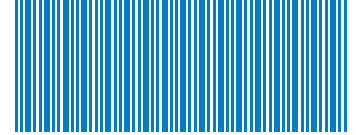
Ana Maria Machado: Não tenho certeza, mas se eu tivesse que escolher um agora, seria *Do Outro Lado Tem Segredos*, um livro que eu escrevi em 1978. É sobre minha memória de Manguinhos, no Espírito Santo, onde passei férias quando criança. Meus amigos, filhos de pescadores, minha relação com aquele lugar... O próprio menino protagonista, o Bino, Benedito, era um menino com quem eu brincava. Acho que seria este, que é um livro muito do meu coração.

Veras: *Passando aos seus contos agora, especialmente do livro *Vestígios*, fiquei curioso com alguns contos, como o primeiro, “Estações”, sobre um pai e um filho jornalistas. Seu pai também era jornalista, você também atuou nessa área. Há algo autobiográfico ali?*

Ana Maria Machado: Esse conto é quase todo autobiográfico. São meu pai e meu irmão.

Veras: *A história do ovo aconteceu mesmo?*

Ana Maria Machado: A história do ovo aconteceu [um truque de mágica que o pai, no conto, faz tempos atrás e que se liga ao evento



narrado na história principal do conto]. E a do reencontro no Canadá aconteceu com os dois. Meu pai estava num lugar, meu irmão em outro, combinaram se encontrar numa cidade intermediária, entraram num restaurante e lá encontraram um brasileiro. O que é inteiramente inventado é a irmã do dono do restaurante e os quadros sobre as estações. Nesse conto eu estava jogando com os múltiplos sentidos da palavra “estação”: estação do ano, estação de trem, estação da vida... Só muito depois percebi que há uma série de quadros do Mark Rothko na Tate Gallery, chamada *Seasons* [Estações, em inglês]. Eu já conhecia quando escrevi, mas não me lembrei na hora.

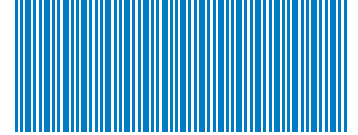
Veras: *Sobre contos, imagino que eles surjam de lampejos, inspirações. Em “Tratantes”, por exemplo, sobre uma avó e sua neta, há também referências autobiográficas?*

Ana Maria Machado: Não. “Tratantes” tem impulso autobiográfico muito forte, mas não meu como avó, e sim como observadora da relação da minha mãe com a minha filha. Minha filha, com uns quatro anos, chegava na casa da minha mãe e ela dizia: “Vem aqui passar tratante no meu pé” (porque minha filha chamava hidratante de “tratante”). Minha mãe achava graça; era um carinho que elas se faziam. Mamãe já estava doente nessa época. Essa palavra “tratante” foi o germe do conto. Mas não é comigo, eu era muito mais moça quando esse conto veio na minha cabeça. Os contos de *Vestígios* foram escritos ao longo de 20 ou 30 anos e num belo dia percebi que tinha um número de contos suficientes em torno do mesmo tema, que era o tema da família.

Veras: *Você sempre esteve envolvida com o universo do livro, como autora, como editora e como livreira. Como vê a evolução do livro? Você usa Kindle? Gosta? Os formatos híbridos te preocupam? Ou o livro está garantido?*

Ana Maria Machado: Não me sinto autorizada a generalizar. Não tenho Kindle. Leio em livro. Dobro a página para voltar depois, se não puder anotar naquele momento. Leio com lápis, quando é ensaio. Ficção, não; raramente escrevo no livro. Gosto muito de reler também. Eu ainda sou leitora de papel. Vou sempre a livrarias, e nunca comprei livro online, nem fiz compra online. Sou muito tradicional nisso.

Veras: *Você disse que gosta muito de reler. Quais autores estão sempre na sua mesa de cabeceira?*



Ana Maria Machado: Estou sempre relendo poetas. Ontem mesmo estava relendo Drummond. Releio sempre Drummond, Fernando Pessoa, Bandeira. De prosadores, releio muito Camus, é sempre novo cada vez que leio. Leio e releio muito Philip Roth também, é um autor inesgotável. Eu fico espantada como esse homem viu coisas 20 ou 30 anos antes, e daquela maneira! Ele hoje é politicamente incorreto, é atacado por feministas, por todos os lados, mas eu acho um privilégio ter tido a oportunidade de ler e reler esse autor. Andei relendo outro de quem gosto muito, que é o Érico Veríssimo.

Veras: *O que você releu recentemente dele?*

Ana Maria Machado: Reli *O Tempo e o Vento* porque minha filha estava lendo e comentando comigo. Agora peguei *Incidente em Antares* para reler. Estou com ele separado aqui. Lembro que gostei muito quando li, e nunca reli. Outro que releio muito é Rubem Fonseca. Ele me dá uma coisa na veia, de linguagem brasileira contemporânea. E Rubem Braga sempre. Este é de cabeceira. Leio e releio Rubem Braga.

Veras: *Você lê vários gêneros simultaneamente ou um por vez?*

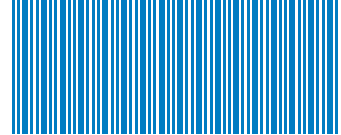
Ana Maria Machado: Simultaneamente. Leio antes de dormir, no carro a caminho de algum lugar, se o livro cabe na bolsa levo junto comigo. No momento, estou lendo simultaneamente *Imortalidades*, do Eduardo Giannetti, e *Dança de Enganos*, do Milton Hatoum. Outra coisa que desenvolvi com a idade: não insisto mais num livro que não me pega. Se pego e já esqueci onde parei, o que aconteceu, não perco mais tempo.

Veras: *O Daniel Pennac diz que entre os direitos do leitor está o direito de abandonar um livro a qualquer página...*

Ana Maria Machado: Mas só me senti suficientemente segura para isso recentemente, nos últimos dez anos.

Veras: *Para finalizar: você comenta sobre seus projetos atuais? No que está trabalhando agora?*

Ana Maria Machado: Não estou em nenhum projeto. Tenho um arquivo onde ponho coisas soltas, que são lembranças minhas de pessoas que conheci. São encontros marcantes. Não sei se essas histórias vão virar um livro ou não, ou se um deles vai crescer, virar ficção... Na verdade, eu estou com 84 anos e meu projeto é ficar viva e com saúde. Faço exercício, convivo com amigos, procuro estar com a minha família, vou ao médico, faço consultas, exames direitinho. Procuro cuidar de mim, dos meus afetos, viver junto à natureza, que me alimenta.



Veras: *Você tem algum refúgio fora do Rio?*

Ana Maria Machado: Tenho, no Espírito Santo, em Manguinhos, onde minha mãe tinha casa, meu avô tinha casa e eu tenho uma casinha de praia num pedaço do terreno da minha mãe, que divido com a minha irmã. Vou sempre que posso. Devo ir agora em dezembro e ficar quase até março. E no Rio também, moro perto da praia, caminho na beira da praia. E tenho uma varanda com plantas... E uma pitangueira com mais de 20 pitangas no momento!

